

Projeto Boas Práticas COVID-19: etnografia digital e produção de imagens com comunidades tradicionais e movimentos sociais do Nordeste brasileiro¹

Breno da Silva Carvalho²

Raquel Assunção Oliveira³

Ana Gretel Echazú Böschemeier⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Redigido a partir da pesquisa “Boas Práticas de Enfrentamento à COVID-19 em Comunidades e Territórios do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará” (CNPq), o artigo apresenta o processo de formalização junto ao CNPq de participantes dos territórios na condição de lideranças pesquisadoras, a fim de refletir sobre a interface com a comunicação a partir do processo de produção de imagens (ilustrações e imagens) alusivas às comunidades e movimentos – demandas executadas por meio do diálogo com jovens participantes de alguns dos territórios. Assim, através da etnografia digital como método processual obtém-se o efetivo reconhecimento das contribuições decorrentes da participação ativa desses/as sujeitos/as, posicionando-os/as como protagonistas na produção de saberes de uma ciência cidadã apoiada na alteridade e no reconhecimento da pluralidade epistêmica.

Palavras-chave: COVID-19; alteridade; juventude; etnografia digital; ciência cidadã.

1. Apresentação: notas introdutórias e aporte metodológico

Ao longo das próximas páginas, este artigo apresenta um panorama das atividades desenvolvidas durante a vigência do projeto de pesquisa-intervenção participativa *Boas Práticas de Enfrentamento à COVID-19 no Rio Grande do Norte, a Paraíba e o Ceará – MCTIC/CNPq/FNDCT/MS/SCTIE/Decit n°07/2020⁵* (doravante

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Departamento de Comunicação Social (DECOM/UFRN). Coordenador adjunto do Boas Práticas de Enfrentamento à COVID-19/CNPq. E-mail: brenosc@uol.com.br

³ Doutoranda em Estudos da Mídia pelo PPgEM da UFRN. Integrante do Projeto Boas Práticas de Enfrentamento à COVID-19/CNPq. E-mail: assuncaoaraqueloliveira@gmail.com

⁴ Professora Adjunta do Departamento de Antropologia (DAN/UFRN) e do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFRN). Coordenadora do Projeto Boas Práticas de Enfrentamento à COVID-19/CNPq. E-mail: gretigre@gmail.com

⁵ Esse artigo é fruto das reflexões realizadas a partir da pesquisa relativa à Chamada MCTIC/CNPq/FNDCT/MS/SCTIE/Decit N° 07/2020 – Pesquisas para enfrentamento da COVID-19, suas consequências e outras síndromes respiratórias agudas graves, processo: 403104/2020-3.

designado *Boas Práticas*), desdobradas entre agosto de 2020 e agosto de 2022 por meio da seguinte agenda de ciclos: *Integração* (agosto a dezembro 2020); *Formação* (janeiro a julho 2021); *Oficinas e intervenções* (agosto a dezembro 2021); *Fechamento* (janeiro a agosto de 2022).

O ciclo de *Integração* dedicava-se à seleção do *corpus* de textos e vídeos biomédicos e epidemiológicos, além de documentos oficiais de instituições como a Organização Panamericana da Saúde (OPAS) e a Organização Mundial da Saúde (OMS). Tratou-se de um trabalho executado pela *Equipe Técnico-Científica* e seus três *Grupos de Trabalho (GTs)*: (1) Áfricas, (2) América Latina, (3) Europa e América do Norte. Este conjunto de materiais foi traduzido e comentado nos *Encontros Formativos* (indicados, a seguir, pela sigla *EFs*). Realizados remotamente através da plataforma *Google Meet*, com disponibilização de *link* apenas aos participantes do *Boas Práticas*, os *EFs* inauguraram o ciclo de *Formação*, sendo retomado no *Fechamento*.

Nos primeiros *EFs*, tais ambientes virtuais foram pensados como espaços seguros de troca de saberes e de produção de conhecimentos a partir do diálogo acerca de vivências locais, histórias ancestrais e informações científicas atuais (quando necessário, traduzidas ao português) – sempre apresentadas com uso de linguagem popular e de modo acessível. Já no último ciclo, os *EFs* converteram-se em momentos de partilha sobre a *Participação em saúde* de comunidades e movimentos, acompanhados de conversa e relato sobre *Coescrita participativa e ciência cidadã*.

Todo esse conjunto de realizações tornou-se possível mediante o trabalho de outros *GTs* da *Equipe de Tradução-Comunicação*. O *GT Tradução* realizou traduções textuais, adaptações e legendagem de vídeos dos materiais selecionados; O *GT Acessibilidade* realizou a tradução para Libras, as quais foram inseridas nos materiais audiovisuais com o suporte do *GT Mídias*. Este último responsabilizou-se ainda pela criação da identidade visual do projeto⁶, bem como pelo desenvolvimento de artes para peças digitais de divulgação (principalmente, com disparo via *WhatsApp*), estruturação da *home page* (<https://sites.google.com/view/projetoboaspraticas>), construção e envio de *newsletters*, disparo de *releases* (assessoria de imprensa) e produção de conteúdo para redes sociais (*Instagram*, *Twitter*, *Facebook* e *YouTube*). Ou seja, são iniciativas para

⁶ Um tratamento detalhado desse processo de criação e composição pode ser visto em Carvalho, Böschemeier e Oliveira (2022).

promover, explicitamente, a divulgação científica do Projeto. Por fim, o *GT – Relatório* dedica-se à sistematização das produções feitas.

Imprescindível destacar a participação das sete comunidades tradicionais e movimentos sociais, os/as quais compõem a *Equipe de Articulação*, agrupadas em quatro *GTs*. O *Quadro 1 – Descrição dos participantes* apresenta essa estruturação:

Quadro 1 – Descrição da *Equipe de Articulação*

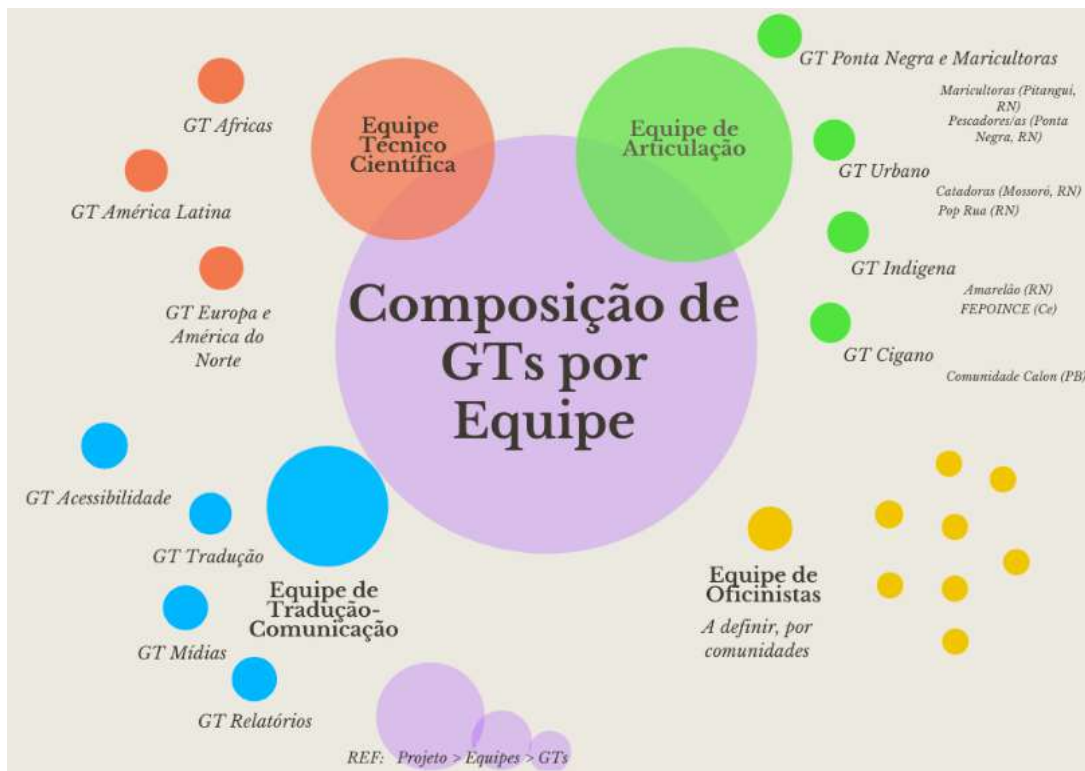
Grupo de Trabalho (GT)	Comunidade/Movimento	UF
GT Indígena	Comunidade Indígena do Amarelão	RN
	Comunidades Indígenas da serra, sertão e contexto urbano - FEPOINCE/CE	CE
GT Urbano	Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR/RN)	Natal/RN
	Catadoras da Associação ACREVI - Reciclando para a Vida	Mossoró/RN
GT Mar	Pescadores da Vila de Ponta Negra	Natal/RN
	Associação de Maricultura e Beneficiamento de Algas (AMBAP)	Pitangui/RN
GT Cigano	Comunidade Cigana Calon	Sousa/PB

Fonte: Os/as autores/as.

Alinhadas à *Equipe de Articulação*, estas comunidades e movimentos tiveram as necessidades de saúde dos territórios mapeadas, acompanhada da permanente comunicação entre grupos e lideranças por meio de *WhatsApp* e redes sociais. Discutia-se, por exemplo, a seleção dos materiais para debate junto à população, contando sempre com o apoio da *Equipe de Oficinas*.

Tais materiais eram, em parte, provenientes da *Equipe Técnico-Científica*. A *Imagem 1*, a seguir, apresenta a estrutura completa entre equipes e grupos de trabalho.

Imagem 1 – Estrutura de *Equipes e Grupos de Trabalho*



Fonte: Os/as autores/as.

Retratada essa composição, vale enfatizar que este artigo assume uma postura propositiva. Inicialmente, trataremos de uma questão estruturante do projeto: a concessão de bolsas de Apoio à Difusão do Conhecimento (ADC), viabilizadas pelo CNPq a partir de portaria publicada em maio de 2021 (BRASIL, 2021), e que permitiu a absorção de participantes das comunidades tradicionais e movimentos sociais – designados/as como *lideranças pesquisadoras*. Esta ação ensejou o ingresso de jovens de algumas comunidades e movimentos contemplados/as com bolsa de apoio.

Neste trabalho, iremos apresentar a experiência do trabalho articulado a partir desta conquista e que demonstra a interface do *Boas Práticas* com o campo comunicacional. Esta ação deriva das trocas entre o *GT Mídias* e o *GT Indígena*, o qual contou, particularmente, com a participação de *lideranças pesquisadoras* e *jovens bolsistas* das comunidades indígenas cearenses de Mundo Novo, Fidélis e Olho D’água dos Canutos. A reflexão recai na produção de ilustrações com perspectiva identitária, usadas na identidade visual do Projeto e desenvolvidas a partir de encontros remotos e síncronos, realizados via *Google Meet* no período de abril a junho de 2022.

Neste sentido, como parâmetro metodológico, o artigo apoia-se na noção de internet como mídia, como propõem Fragoso, Recuero e Amaral (2011) ao desenvolver esta perspectiva teórica a partir da convergência midiática e de sua inserção na vida cotidiana contemporânea por meio da cultura digital. Tal recorte analítico recorre à coleta de *dados extraídos*, uma vez que são criados em "conjunção com os membros da cultura por meio de interação [...]. Postagens e comentários do pesquisador, bem como entrevistas por correio eletrônico, bate-papo ou mensagens instantâneas, seriam procedimentos comuns para extrair dados netnográficos" (KOZINETS, 2014, p. 95).

Transversalmente a esta questão, discute-se como a pluralidade de epistemes que revestem os *GTs* envolvidos no Projeto foram considerados, o que se reflete na diversidade de relatos e produções apresentadas nos *EFs*, por exemplo. Estas ocasiões contavam com performances musicais, leituras de poemas e cordéis, apresentações de slides de especialistas, exibição de desenhos, fotografias, ilustrações e vídeos. Também desdobrou-se nas produções de *e-books* frutos do Projeto, os quais ganharam a transcrição de depoimentos orais das lideranças pesquisadoras, além de produções artísticas, como fotografias, poemas e ilustrações.

Enaltecemos a importância de que mais projetos de pesquisa e extensão universitária incluam em suas redes bolsistas detentores/as de conhecimentos tradicionais, fora do eixo acadêmico. Neste sentido, este artigo alinha-se à defesa de um fazer científico que seja *pluriepistêmico*. Epistemologia entendida aqui na perspectiva de Grada Kilomba (2019), ao apontar para uma ciência que investiga a aquisição de conhecimentos, concebendo-a a partir das:

Questões que merecem ser colocadas (*temas*), como analisar e explicar um fenômeno (*paradigmas*) e como conduzir pesquisas para produzir conhecimento (*métodos*). [...] Nesse sentido, define não apenas o que é conhecimento verdadeiro, mas também em quem acreditar e em quem confiar. Mas quem define quais perguntas merecem ser feitas? Quem as está perguntando? Quem as está explicando? E para quem as respostas são direcionadas? (KILOMBA, 2019, p. 54).

Desse modo, a epistemologia hegemônica debruça-se sobre temas, paradigmas, métodos e questões de pesquisas relevantes às pessoas brancas, que são maioria nos espaços de saber e poder nas sociedades racializadas. Para ilustrar, há o trabalho realizado pela própria Kilomba (2019) em seu livro *Memórias da Plantação*. A obra, metodologicamente, distancia-se da epistemologia dominante ao trazer para o centro da

sua tese relatos orais de episódios vividos por mulheres negras como uma maneira de expor e refletir acerca do racismo que cotidianamente reencena nosso passado colonial. Portanto, ao definir *quais são* e *quais não são* os temas válidos para a pesquisa, produção e investimento científicos, são deixados de lado temas, questões e metodologias relevantes para as populações subalternizadas. É essa atenção que será protagonizada – e celebrada – a partir de agora.

2. A posição de “liderança pesquisadora”

Levando em conta a complexidade e multiplicidade das pautas inerentes às comunidades e movimentos vinculados ao projeto, mostrou-se fundamental o trabalho com lideranças dos respectivos grupos atuando como multiplicadoras dos debates levantados nos *Encontros Formativos*, em especial daqueles relativos ao enfrentamento da COVID-19, tendo em vista a necessidade de agilidade no espalhamento das medidas preventivas e discussões realizadas.

No conjunto dos/as 39 (trinta e nove) bolsistas que passaram pelo projeto, 15 (quinze) deles/as atuam como lideranças nas respectivas comunidades e movimentos dos quais fazem parte. Ao todo, os 15 (quinze) lideranças bolsistas receberam 85 (oitenta e cinco) cotas de bolsas, distribuídas nas comunidades dos *GTs* – *Indígena*, *Urbano*, *Mar* e *Cigano*, conforme pode ser conferido na *Gráfico 1* (a seguir).

Gráfico 1 – Concessão de Bolsas a Lideranças Pesquisadoras dos 4 *Grupos de Trabalhos*



Fonte: Os/as autores/as.

Nesse sentido, foi valiosa a concessão de cotas de bolsas para as lideranças das comunidades e movimentos – procedimento viabilizado pela Portaria de maio de 2021 do CNPq (BRASIL, 2021), a qual possibilita a concessão de bolsas de Apoio à Difusão do Conhecimento (ADC) não apenas para estudantes de nível fundamental, médio ou universitário, como também para cidadãs e cidadãos detentores de conhecimentos tradicionais, que passam a ser reconhecidos como sujeitos/as também relevantes para a popularização científica. O objetivo da bolsa está descrito a seguir:

Disseminar e popularizar a ciência, a tecnologia e a inovação, em nível nacional, por meio do desenvolvimento de competências/habilidades e atividades na área da divulgação científica com o envolvimento de profissionais de nível superior, *detentores de conhecimentos tradicionais* e estudantes de diversos níveis na geração de estratégias e produtos de comunicação para diferentes públicos, em diferentes espaços e suportes (BRASIL, 2021, grifo nosso).

O trabalho com as bolsas contribuiu para uma relação com as comunidades que fosse menos verticalizada ou “extrativista”, na medida em que beneficiou materialmente os/as participantes. Também colaborou simbolicamente no reconhecimento do trabalho das lideranças junto às comunidades e movimentos envolvidos no projeto. Ambos exercem um papel fundamental na sociedade na incessável luta por políticas públicas que contemplem grupos subalternizados. Torna-se necessário, conseqüentemente, entender o horizonte da diversidade e sua interface com a comunicação, destacando as práticas de ilustração com jovens no Projeto. Complementarmente, passaremos – de forma panorâmica – por questões ligadas ao território e ao gênero.

3. Atenção à diversidade e ao uso de recursos comunicacionais

Um ponto relevante ao observarmos o conjunto de comunidades e movimentos envolvidos no Projeto diz respeito à relação de cada um deles com o par território-identidade. Enquanto que as comunidades indígenas (potiguares ou do sertão cearense), bem como as catadoras de recicláveis da ACREVI (Mossoró/RN), as maricultoras de Pitangui/RN e os pescadores de Ponta Negra/RN caracterizam-se por uma identidade indissociável do seu território – fundamental para a identificação enquanto grupo ou exercício profissional –, na comunidade cigana e no Movimento da População de Rua, a

questão do espaço físico ganha outros contornos. Preserva-se a (grande) relevância, mas a partir de diferentes balizas: ora do deslocamento, ora da reivindicação territorial.

Outro aspecto que não deve ser ignorado é a questão de gênero inerente a uma parcela dos grupos apresentados, uma questão que muitas vezes localiza-se na espinha dorsal do movimento ou comunidade. A presença feminina é, notadamente, observável nas lideranças de todos os *GTs* de *Articulação*. De acordo com o levantamento interno do *Boas Práticas*, 10 (dez) das 15 (quinze) lideranças-bolsistas que passaram pelo Projeto são mulheres.

A articulação feminina é fortalecida, por exemplo, pelo grupo das catadoras de recicláveis (ACREVI), majoritariamente composto por mulheres, como também pelas maricultoras de Pitangui (RN) – movimento fundado em prol do empoderamento financeiro e social das mulheres frente ao machismo, também mostra-se expressiva.

A AMBAP tem sua articulação no litoral norte do Rio Grande do Norte a partir do fortalecimento feminino em decorrência do trabalho de pesca, beneficiamento e produção de alimentos à base de algas. Denize Baracho, marisqueira e presidente da associação, expôs: “O homem pescador sempre teve essa dependência da mulher em casa. O meu esposo trabalha embarcado, faz tudo quando está embarcado, mas quando chega em casa não faz nada.” (FERREIRA, KNOX e BARACHO, no prelo, p. 36).

Nesse sentido, destacamos ainda o trabalho de Teka Potiguara e Sandra Tabajara junto ao *GT Indígena*. Também foram centrais as atuações das lideranças mulheres da comunidade cigana Calon, de Sousa/PB. O Movimento Nacional de População de Rua tem na pauta feminista uma importante bandeira com as criações da artista Luanda Luz, liderança feminista do MNPR do Rio Grande do Norte, e a contribuição da militância de Maria Lúcia Santos Pereira da Silva, fundadora do MNPR na Bahia. Um pouco da sua história pode ser lida no trecho abaixo:

[Maria Lúcia] viveu 16 anos da sua vida nas ruas e nos deixou em 2018, vítima de uma doença crônica, decorrente dos anos que viveu em situação de rua. Sua forma de defender os(as) companheiros(as) de rua lhe rendeu o apelido de “Advogada dos Maloqueiros”. Com o tempo, e por conta disso, passou a ser reconhecida como liderança das pessoas em situação de rua. Vinculou-se ao MNPR em 2008, sendo reconhecida como uma das maiores referências desse movimento no Brasil e internacionalmente (SANTOS, TORRES, VIEIRA *et al.*, 2022, p. 75)

Na condução do projeto, ecoamos a perspectiva de Denise Jardim (2013) quando ela, a partir do diálogo com o pensamento de Boaventura Santos (2010), “parte do reconhecimento da incompletude das culturas e enfatiza a impossibilidade de estabelecer equivalências entre termos e visões” (JARDIM, 2013, p. 23). Com isso, há uma proposta de conciliação entre valores universais e os valores particulares a determinadas culturas, no sentido de entender as possibilidades de diálogo e negociação entre as comunidades e a gestão de políticas públicas.

Na próxima seção, esta "incompletude das culturas" é retratada por meio da apresentação de prática valiosa para o desenvolvimento do *Boas Práticas*: a articulação com jovens na proposição de desenhos e fotografias – um deles, menor de idade – sobre suas comunidades. Com isso, reconhecemos impossibilidades e limitações, a fim de recriar a dinâmica de produção de saberes a partir de um processo pluriepistêmico em que se pleiteia a escuta, a partilha, a horizontalidade das relações (humanas) sociais.

3.1. Juventude: produção de imagens x identidade

Dentre os/as bolsistas, destacamos o trabalho com jovens e adolescentes – estes/as últimos sempre supervisionados/as nos encontros internos dos *GTs* pelos maiores responsáveis. Identificamos essa como uma estratégia fértil na medida em que também contribui para a formação dessas jovens lideranças.

Para ilustrar, tomemos como exemplo o trabalho desenvolvido pelas jovens lideranças do *GT Indígena* no quarto e último ciclo do Projeto em 2022. Os/as três jovens bolsistas, de 14 (quatorze), 20 (vinte) e 21 (vinte e um) anos – respectivamente, das comunidades cearenses de Mundo Novo, Fidélis e Olho D’água dos Canutos –, participaram dos encontros semanais e de debates incitados via grupo do *WhatsApp*, coletando depoimentos e demandas relativas ao acesso à saúde com os membros mais velhos das suas comunidades, realizando a tradução das demandas para o *nheengatu*, língua indígena⁷, bem como produzindo fotos e desenhos dos pontos relevantes para a

⁷ O *nheengatu*, conhecido como Língua Geral Amazônica, idioma da família linguística Tupi-guarani pertencente ao tronco linguístico Tupi e falado em regiões do Brasil, Colômbia e Venezuela (AVILA, 2021). Conforme o último Censo Demográfico do país, 76.295 indígenas com 10 anos ou mais de idade falam idiomas do tronco tupi no território brasileiro (IBGE, 2010). Na comunidade Mundo Novo, localizada em Monsenhor Tabosa, sertão do Ceará/Brasil, a retomada do uso do idioma ocorreu a partir de 1997 e, hoje, o *nheengatu* é língua cooficial do município.

manutenção da saúde da comunidade – por exemplo: como são as hortas comunitárias, açudes, carros-pipas, escolas e postos de saúde.

Com os desenhos, houve também a produção de imagens especulativas, imaginando um posto de saúde ainda inexistente na comunidade, por exemplo (Imagem 10). Todos os trabalhos foram desenvolvidos de modo colaborativo com os bolsistas acadêmicos, respectivamente estudantes das áreas de Artes Visuais, Ciências Sociais e Comunicação Social, e que juntos contribuíram no processo de sistematização das demandas, produção de modelos de artes para redes sociais, redação de poemas, criação de ilustrações, produção de artigos científicos e criação de figurinhas para *WhatsApp*⁸, conforme exemplificamos com algumas imagens, a seguir.

Imagens 2 e 3 – À esquerda, fotografia da árvore barriguda (*Ceiba speciosa*); à direita, seu desenho. Ambas realizadas pelo jovem bolsista liderança Diego Potyguara

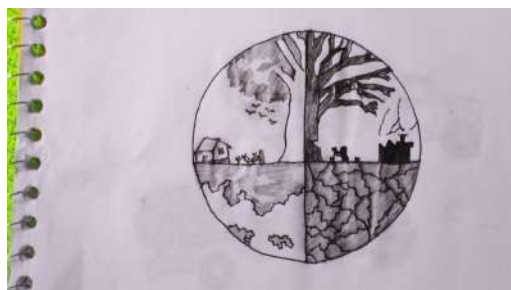


Imagem 4 – À direita, figurinha para *WhatsApp* criada pelo bolsista Vinicius Chaves



Fonte: Reprodução do/as autor(as) de imagens criadas por Diego Potyguara e Vinicius Chaves.

Imagens 5 e 6 – Desenhos realizados pelo jovem bolsista liderança Dyego Potyguara



Fonte: Reprodução do/as autor(as) de ilustrações de Dyego Potyguara.

⁸ O pacote completo de figurinhas pode ser acessado e instalado no WhatsApp via aplicativo Sticker.ly através do link: <https://sticker.ly/s/ZXD6EB>.

Imagens 7 e 8 – Figurinhas para *WhatsApp* desenvolvidas pelo bolsista Vinicius Chaves



Fonte: Reprodução dos/as autores/as de ilustrações de Vinicius Chaves.

Imagem 9 – Desenho realizado pela jovem bolsista liderança Jaine Tabajara

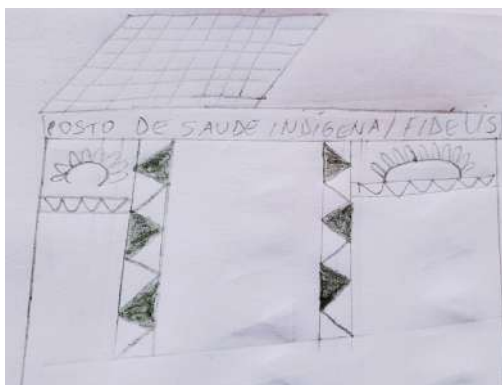


Imagem 10 – Figurinha para *WhatsApp* desenvolvidas pelo bolsista Vinicius Chaves



Fonte: Reprodução dos/as autores/as de ilustrações de Jaine Tabajara e Vinicius Chaves.

Imagem 11 – Fotografia de Jaine Tabajara do canteiro de plantas medicinais da aldeia Fidélis (Quiterianópolis/CE), cuidado por Antonia Oliveira (Dona Neném)



Imagem 12 – Figurinhas para *WhatsApp* desenvolvidas pelo bolsista Vinicius Chaves



Fonte: Reprodução dos/as autores/as de fotografia de Jaine Tabajara e ilustrações de Vinicius Chaves.

As fotografias e desenhos produzidos foram utilizados como suporte para as demandas em saúde coletadas pelas jovens lideranças das comunidades junto aos/às líderes mais velhos e traduzidos para o *nnhengatu*, algumas delas incorporadas aos *pins* do mapa colaborativo⁹ do Boas Práticas, disponível no site. As ilustrações, por sua vez, além de terem sido trabalhadas como figurinhas para *WhatsApp*, também serviram como recursos visuais no site do projeto¹⁰, nos *templates* de slides e em artes de redes sociais desenvolvidos para o *GT*, bem como na Galeria de Arte – *Engrossando o Caldo: Registros Visuais das Demandas do GT Indígena relativas à Saúde Pública*¹¹ que, além das fotografias, desenhos e ilustrações digitais, também conta com poemas.

Anterior a este processo de elaboração, é indispensável registrar a produção de ilustrações para as próprias comunidades, como se detalha a seguir: para a Comunidade da Serra das Matas, foi fundamental a representação das mulheres indígenas, do diálogo intergeracional e da semente de mucunã; para a Comunidade do Amarelão, foi importante retratar a maloca e o cajueiro, com suas raízes, folhas e fruto.

Para os Pescadores e Mariculturas era importante a representação do mar, bem como de figuras humanas em ação – no ato do trabalho de pesca com a tarrafá aberta ou de cultivo, manejando as algas. Para a Comunidade Calon, a dança e a música, centrais na cultura cigana, foram destacados, bem como a roda presente na bandeira cigana.

Na ilustração relativa à População de Rua, não poderiam faltar elementos de luta coletiva, como os punhos ergidos, assim como o espaço urbano, evocado prédios, viaduto e barracas. Por fim, o grupo das Catadoras foi representado por uma figura feminina vestindo uma camisa contendo o símbolo reciclagem, de punho erguido e segurando uma garrafa pet. Este conjunto imagético demonstra como a produção de desenhos era um recurso já presente no Boas Práticas, como forma de retratação de seus território. As imagens estão a seguir.

⁹ Disponível em: <https://sites.google.com/view/projetoboaspraticas/divulgacao-cientifica/mapa-colaborativo>

¹⁰ Disponível em: <https://sites.google.com/view/projetoboaspraticas>

¹¹ Disponível em: <https://docs.google.com/presentation/d/1Gu8RygJA78q-8ygRjG5Jad12Sf6anz2uLT6kpuAZfsg/edit?usp=sharing>

Imagens 13 a 19 – Ilustrações representativas das comunidades e movimentos: 1) Comunidade Indígena da Serra das Matas (CE); 2) Comunidade Indígena do Amarelão (RN); 3) Movimento dos Pescadores/as da Vila de Ponta Negra/RN; 4) Associação das Maricultoras de Pitanguí/RN; 5) Comunidade Cigana Calon de Sousa/PB; 6) Movimento da População de Rua do RN e 7) Associação das Catadoras de Recicláveis de Mossoró/RN.



Fonte: Ilustrações de Vinicius Chaves a partir de trabalho colaborativo junto às comunidades e movimentos.

Houve ainda a escrita de uma narrativa trilingue de ficção especulativa, desenvolvida de modo colaborativo pelos/as integrantes do *GT Indígena*. Redigida em português e *nheengatu* e com versão em inglês, o texto *Futuros ancestrais: as cantadoras de histórias*¹² alinha-se ao subgênero *hopepunk* (ROWLAND, 2018). Nesse tipo de narrativa especula-se e vislumbra-se – nunca sem luta – futuros positivos, ao contrário da narrativa *grimdark*, por exemplo, que projeta cenários futuros sombrios e de desesperança.

¹² Disponível em: <https://sites.google.com/view/projetoboaspraticas/futuros-ancestrais>

4. Considerações finais

O processo aqui apresentado reverberou de modo localizado o trabalho previamente desenvolvido de maneira coletiva junto às comunidades tradicionais e movimentos sociais integrantes do Projeto, o qual permitiu a participação ativa no estudo em diálogo com a universidade. Alguns desses sujeitos, reconhecidamente em situação de vulnerabilidade social, confrontaram-se com a possibilidade de enfrentamento à COVID-19 com acessibilidade à informação segura.

Ao combinar métodos antropológicos, uma perspectiva descolonizadora e referenciais da saúde coletiva, a pesquisa proporcionou o manejo de uma metodologia aberta que se nutre do diálogo com as lideranças pesquisadoras e demais integrantes por meio da netnografia. Assim, descortinaram-se tensões, discussões éticas, estratégias de fortalecimento coletivo e atenção à permanente busca pelo acesso e promoção aos direitos humanos.

A produção das imagens (desenhos e ilustrações) coroa este percurso formativo e permite que os jovens absorvam a responsabilidade do reconhecimento de questões memoriais e tradicionais acerca de sua identidade e seus territórios – exercício que nos projeta para novas discussões sobre os processos de tradução cultural.

Referências bibliográficas

AVILA, Marcel. **Proposta de dicionário nhengatu-português**. São Paulo: USP, 2021. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Digital Library USP. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8160/tde-10012022-201925/en.php>. Acesso em: 02 jul. 2022.

BRASIL, 2021. **Portaria CNPq nº 500**, de 07 de maio de 2021. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 07 mai. 2021. Disponível em: <https://portal.in.gov.br/web/dou/-/portaria-cnpq-n-500-de-7-de-maio-de-2021-319014266> Acesso em: 13 jun. 2021.

CARVALHO, Breno da Silva; BÖSCHEMEIER, Ana Gretel Echazú; OLIVEIRA, Raquel Assunção. Pandemia, comunicação digital e territorialidades: ações de enfrentamento. **Revista Extraprensa**, [S. l.], v. 15, n. Especial, p. 405-419, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/194415>. Acesso em: 20 jul. 2022.

FERREIRA, José; KNOX, Winifred; BARACHO, Denize. Relato de Denize Baracho, liderança da Associação de Maricultura e Beneficiamento de Algas de Pitangui. *In: Territórios de identidade e políticas públicas: perspectivas teóricas, relatos e experiências no enfrentamento à COVID-19 com comunidades e movimentos sociais*. São Paulo: Áporo Editorial, no prelo.

IBGE, **Censo Demográfico**, 2010. Tabela 3483: Pessoas indígenas de 10 anos ou mais de idade, por alfabetização e localização do domicílio, segundo a condição de falar língua indígena no domicílio, tronco e a família linguística da primeira língua indígena. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3483>. Acesso em: 04 jul. 2022.

JARDIM, Denise; LÓPEZ, Laura (Orgs.). **Políticas da diversidade: (in)visibilidades, pluralidade e cidadania em uma perspectiva antropológica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/sny5t>

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOZINETS, Robert. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

MILLER, Daniel. A antropologia digital é o melhor caminho para entender a sociedade moderna. **Revista Z Cultural - Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 1, 1º sem. 2015. Entrevista concedida a Monica Machado. Tradução: Pérola F. Pedro. Revisão da tradução: Patrícia Farias. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/daniel-miller-a-antropologia-digital-e-o-melhor-caminho-para-entender-a-sociedade-moderna>. Acesso em: 20 jul. 2022.

MILLER, Daniel. Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. **Blog do Sociofilo**, 2020. Publicado em: 23 mai. 2020. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ROWLAND, Alexandra. Hopepunk is the opposite to grimdark. **Extravagant & Unlikely**. Publicado em: 2018. Disponível em: <https://ariaste.tumblr.com/post/163500138919/ariaste-the-opposite-of-grimdark-is-hopepunk>. Acesso em: 02 jul. 2022.

SANTOS, B. de S. Por uma concepção multicultural de Direitos Humanos. In: FELDMAN-BIANCO, B.; CAPINHA, G. (Org.). **Identidades: estudos de cultura e poder**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2000, p. 19-39.

SANTOS, Matheus; TORRES, Vanilson; VIEIRA, Davi *et al.* População em situação de rua, das marquises para a luta. In: BÖSCHEMEIER, Ana Gretel Echazú; CARVALHO, Breno da Silva; SOUZA, Karlla *et al.* (Orgs.). **Pontes e ruas de pluralidade epistêmica: relatos, etnografias e traduções no enfrentamento à COVID-19 com comunidades e movimentos sociais**. Mossoró/RN: Edições UERN; Áporo Editorial, 2022.

ZANINI, Débora. Etnografia em mídias sociais. In: SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (orgs.). **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, 2016, p. 163-185.